



Tarefa Mínima

2021 – 13 tarefa primeira série literatura
Colégio Olimpo – Sinval

- Leia o texto para responder as questões 01, 02, 03, 04 e 05.

Descobrir e seguindo assim as estradas esquecidas e perdidas que do estado natural deviam ter conduzido o homem ao estado civil; restabelecendo, com as posições intermediárias que acabo de notar, as que o tempo limitado me faz suprimir, ou que a imaginação me não sugeriu, todo leitor atento deverá ficar impressionado com a distância imensa que separa esses dois estados. É nessa lenta sucessão das coisas que verá a solução de uma infinidade de problemas de moral e de política que os filósofos não podem resolver. Sentirá que o gênero humano de uma idade, não sendo o gênero humano de outra idade, a razão por que Diógenes não encontrava um homem, é que ele procurava entre os seus contemporâneos o homem de um tempo que não existia mais. Catão, dirá ele, pereceu com Roma e a liberdade porque esteve deslocado no seu século, e o maior dos homens não fez senão assombrar o mundo que ele tivesse governado quinhentos anos mais cedo.

Em uma palavra, explicará como a alma e as paixões humanas, alterando-se insensivelmente, mudam por assim dizer de natureza; porque as nossas necessidades e os nossos prazeres mudam de objeto com o tempo; porque, o homem original desvanecendo-se gradativamente, a sociedade não mais oferece aos olhos do sábio senão um ajuntamento de homens artificiais e de paixões factícias que são obra de todas essas novas relações, e não têm nenhum verdadeiro fundamento na natureza. O que a reflexão nos ensina sobre isso, a observação o confirma perfeitamente: o homem selvagem e o homem policiado diferem de tal modo no fundo do coração e nas inclinações, que o que faz a felicidade suprema de um reduziria o outro ao desespero.

O primeiro só respira o repouso e a liberdade; só quer viver e ficar ocioso, e a própria ataraxia do estoico não se aproxima da sua indiferença profunda por qualquer outro objeto. Ao contrário, o cidadão, sempre ativo, sua, agita-se, atormenta-se sem cessar para buscar ocupações ainda mais laboriosas; trabalha até à morte, corre mesmo em sua direção para se pôr em estado de viver, ou renuncia à vida para adquirir a imortalidade; faz a corte aos grandes que odeia e aos ricos que despreza; nada poupa para obter a honra de o servir; gaba-se orgulhosamente de sua baixa e de sua proteção; e, vaidoso de sua escravidão, fala com desdém daqueles que não têm a honra de a partilhar. Que espetáculo para um caraíba os trabalhos penosos e invejados de um ministro europeu! Quantas mortes cruéis não preferiria esse selvagem indolente ao horror de vida semelhante, que muitas vezes nem mesmo é compensada pelo prazer de fazer o bem!

Mas, para ver o fim de tantos cuidados, seria preciso que as palavras poder e reputação tivessem um sentido em seu espírito; que aprendesse que há uma espécie de homens que contam para alguma coisa com os olhares do resto do universo, que sabem ser felizes e contentes consigo mesmos com o testemunho de outrem mais do que com o seu próprio. Tal é, com efeito, a verdadeira causa de todas essas diferenças: o selvagem vive em si mesmo; o homem sociável, sempre fora de si, não sabe viver senão na opinião dos outros, e é, por assim dizer, exclusivamente do seu julgamento que tira o sentimento de sua própria existência.

Escapa ao meu tema mostrar como de tal disposição nasce tanta indiferença pelo bem e o mal, com tão belos discursos de moral; como, reduzindo-se tudo às aparências, tudo se torna factício e representado, honra, amizade, virtude, e muitas vezes até os próprios vícios, cujo segredo de se glorificar finalmente se encontra; como, em uma palavra, perguntando sempre aos outros o que somos, e não ousando jamais interrogar-nos sobre isso nós mesmos, no meio de tanta filosofia, humanidade, polidez, máximas sublimes, não temos senão um exterior enganador e frívolo, honra, sem virtude, razão sem sabedoria, e prazer sem felicidade.

Basta-me ter provado que esse não é o estado original do homem, e que só o espírito da sociedade e a desigualdade que ela engendra modificam e alteram, assim, todas as nossas inclinações naturais.

Jean Jacques Rousseau – Discurso sobre as origens e desigualdades entre os homens – conclusão – disponível em www.dominiopublico.gov.br, acessado em 30/12/2010

01. O texto de Rousseau é um texto filosófico que reflete a condição humana, contrapondo dois tipos de indivíduos. Identifique-os, destacando as expressões do texto que os caracterizam:
02. A leitura do texto 01 permite um **pressuposto**: a simpatia do autor pelo homem natural. Justifique este pressuposto com a linguagem do texto:
03. A linha de raciocínio de Jean Jacques Rousseau obedece à lógica da razão ou ao pensamento religioso? Justifique:



- 04. Você** já sabe que a produção de texto está sujeita às circunstâncias espaciais e temporais em que o sujeito/autor se encontra: é o processo de enunciação.
Sobre as circunstâncias do processo de enunciação dos textos, discorra sobre as transformações históricas que Rousseau vivenciou e que o influenciaram na construção da visão de ser humano apresentada no texto:
- 05.** Pesquise sobre filmes, telenovelas, músicas que trabalham o estilo de vida cultuado no Arcadismo, a vida bucólica, calma, a harmonia, a simplicidade:

- Leia o texto para responder os exercícios 06,07, 08, 09 e 10.

Enquanto pasta alegre o manso gado,
Minha bela Marília, nos sentemos
À sombra deste cedro levantado.
Um pouco meditemos
Na regular beleza,
Que em tudo quanto vive, nos descobre
A sábia natureza.

Lira XIX – Marília de Dirceu – Tomás Antônio Gonzaga – disponível em www.dominiopublico.gov.br, acessado em 30/12/2010

- 06.** Explique: a linguagem do texto marca-se pela simplicidade:
- 07.** Identifique a voz enunciativa do poema e seu enunciatário:
- 08.** O que o eu-poético propõe a sua musa?
- 09.** Comente as características que o eu-poético atribui à natureza:
- 10.** O modo de vida trabalhado nos versos corresponde ao modo de vida dos autores? Justifique (se necessário, pesquise sobre o autor):